

Universidade do Rio de Janeiro  
Centro de Letras e Artes

**ATIVIDADES EXTRA-CLASSE, UMA  
EDUCAÇÃO FORMAL OU  
NÃO-FORMAL?**

Amine de Souza Chaim  
Fábio Pestana Calazans

Rio de Janeiro  
1998

Atividades Extra-Classe, uma educação Formal ou  
Não-Formal?

Por

Amine de Souza Chaim  
Fábio Pestana Calazans

Orientação:  
Prof. José Nunes Fernandes

.....

Monografia de conclusão do curso de graduação  
Centro de Letras e Artes – UNI-RIO

Rio de Janeiro, Setembro de 1998

*“A vida é um Dom da natureza;  
mas uma vida bela é um Dom da sabedoria.”*  
(Adágio Grego)

Dedicamos este trabalho  
aos nossos pais, Abdo e Janir,  
Dalsa e Damião,  
e à querida tia Jayne,  
um grande exemplo de educadora.

## **Agradecimentos**

Primeiramente a Deus: Deus, muito obrigado!

Ao amor de nossos pais, pela dedicação e pela força que nos foi dada para que concluíssemos mais esta etapa da vida.

Aos nossos irmãos pelo apoio e amizade de sempre.

A vovó Geralda pelo exemplo de vida e otimismo contagiante.

A prima Débora pelo apoio dado nos primeiros anos de Rio de Janeiro.

Aos tios Jamison e Jayne, que antes de serem tios, são grandes amigos e sempre nos apoiaram.

A todos os nossos familiares que de alguma forma contribuíram.

Ao nosso orientador, professor e amigo José Nunes Fernandes, pela paciência e dedicação na orientação, organização e conclusão deste trabalho.

A todos os professores que contribuíram em nossa formação acadêmica.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é verificar qual forma de educação, formal ou não-formal, deve ser utilizada em uma atividade extra classe.

Com base nos textos de Santos, Fernandes, Nérici, Conde & Neves, Ferrero, Libâneo, Paz, Plummeridge, Pratt & Stephens, Ribeiro, Spielmann & Vieira, concluímos que os princípios das abordagens não-formais da educação musical seriam a melhor forma de se realizar uma atividade extra classe, pois, o ensino é muito mais prazeroso e motivador quando está ligado a realidade do aluno e remete a um fazer imediato — características estas encontradas nas atividades de ensino não-formal. Porém, nada impede que uma atividade extra-classe seja realizada formalmente.

Por último apresentamos como exemplo de atividade extra-classe o Projeto Escola do grupo SEMBATUTA.

## ÍNDICE

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>01</b> |
| <b>CAPÍTULO I</b>  |           |
| <b>ATIVIDADE EXTRA CLASSE</b>                                    |           |
| a) As Atividades Extra-Classe na Educação.....                   | 04        |
| b) As Atividades Extra-Classe na Música.....                     | 08        |
| <b>CAPÍTULO II</b>   |           |
| <b>ABORDAGENS NÃO-FORMAIS DE ENSINO DA MÚSICA.....</b>           | <b>12</b> |
| <b>CAPÍTULO III</b>  |           |
| <b>ATIVIDADE EXTRA-CLASSE: ENSINO FORMAL OU NÃO-FORMAL?.....</b> | <b>20</b> |
| <b>CAPÍTULO IV</b>   |           |
| <b>UMA PROPOSTA DE ATIVIDADES EXTRA-CLASSE.....</b>              | <b>23</b> |
| <b>CONCLUSÃO.....</b>  | <b>27</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                           | <b>30</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>   | <b>32</b> |

## INTRODUÇÃO

Após assistirmos uma apresentação do Projeto Escola do grupo SEMBATUTA, projeto este que consiste em um concerto de aproximadamente uma hora nas escolas regulares, e que intercala demonstrações e explicações relativas a instrumentos e ritmos diversos, percebemos a importância da atividade extra-classe no aprendizado musical do aluno. Além de haver um grande interesse por parte dos alunos, que se sentiam motivados por tal evento, havia uma mobilização de toda a escola, principalmente dos professores de música enfatizando o acontecimento.

O projeto busca também a preparação dos alunos para a apresentação do grupo, ou seja, o professor de música das escola faz uma prévia sobre os instrumentos e ritmos que o grupo irá apresentar. Há escolas em que algumas turmas são preparadas através de ensaios para tocar junto com o grupo. Em alguns momentos, não somente os alunos participam, mas também toda platéia, cantando, batendo palmas.

Observa-se que a grande participação e interesse dos alunos estão ligados ao fato dos músicos incluírem no repertório, músicas vinculadas à realidade daqueles. Ocorre assim uma aprendizagem eficaz e ao mesmo tempo prazerosa.



Sendo a educação não-formal uma abordagem educacional agradável, com liberdade de criação e que usa a realidade do aluno no processo de ensino-aprendizagem, buscando o fazer imediato de todos, não poderiam as atividades extra-classe serem abordadas de maneira não-formal?

Não temos a pretensão de argumentar e fazer uma dissertação sobre o que é a educação formal e não-formal, tentaremos sim, encontrar melhores soluções para promover o aprendizado musical através da atividade extra-classe, desta forma encontramos um melhor caminho ao questionarmos se a atividade extra-classe seria melhor abordada de uma maneira formal ou não-formal.

Sendo assim, abordaremos primeiramente a atividade extra-classe na educação e na música, citando inclusive algumas experiências de educadores ingleses.

A abordagem da educação não-formal será discutida no capítulo II com base nos estudos de Regina M. S. Santos (1991), de Ermelinda A. Paz (1995) e de Cecília Conde & José Maria Neves (1984/85).

A discussão da nossa situação problema será abordada no capítulo III, mediante uma comparação entre atividade extra-classe e as abordagens não-formais de educação musical.

O Projeto Escola do grupo SEMBATUTA será citado no capítulo IV, como um exemplo de atividade extra-classe, já que presenciamos várias apresentações em escolas e observamos uma resposta positiva no aprendizado musical, fato este comprovado por sermos integrantes do grupo e por lecionarmos em uma das escolas onde o projeto aconteceu.

Por último, apresentaremos nossas conclusões, com a intenção de elucidar melhor este tema, afim de que possa servir de uma melhor forma para a aprendizagem musical.

## CAPÍTULO-I

### ATIVIDADE EXTRA-CLASSE

#### a) As Atividades Extra-Classe na Educação

As atividades extra-classe, na educação, são atividades que se desenvolvem nas escolas complementarmente às aulas, vinculadas ou não às disciplinas curriculares, tendo como objetivo o reforço e a ampliação do ensino feito em sala de aula. Visa desenvolver a personalidade do aluno e integrá-lo na vida social, no sentido de que esta serve de intercessão entre a teoria dada em sala de aula com a realidade social do aluno, por exemplo: um professor de português ao ensinar ortografia fará uma atividade extra-classe passeando com os alunos pela cidade, onde serão apontados erros ortográficos do tipo: MIXTO-QUENTE, VENDEM-SE IMÓVEIS. Logo após o passeio, haverá uma reunião, onde os alunos comentarão os erros, corrigindo-os: MISTO-QUENTE, uma vez que **mixto** não existe na língua portuguesa e VENDE-SE IMÓVEIS é a forma correta, pois o pronome **se** é partícula apassivadora do sujeito **imóveis**, logo o verbo não vai para o plural.

Pode ainda ser a atividade extra-classe integradora de várias disciplinas escolares. Isto pode ocorrer, por exemplo, nas festividades escolares, quando

todas as disciplinas se unem na abordagem de um determinado tema: Festa do Folclore, por exemplo: o professor de português poderá trabalhar um texto sobre Bumba-Meu-Boi numa aula de interpretação de texto; o professor de matemática ao ensinar conjuntos exemplificará com personagens do folclore, como conjunto de Saci-Pererê, do Bumba-Meu-Boi; o professor de música ensinará canções folclóricas diversas, dramatizando-as com danças.

Concordamos com Nérici (1967), no sentido de que a atividade extra-classe torna a educação mais eficiente, visto que deve proporcionar condições favoráveis de desenvolvimento da personalidade do educando, aprimorando também a sua responsabilidade de cidadão. No primeiro exemplo citado, a professora poderá incluir noções de cidadania tais como: não jogar papel no chão para que a rua não fique suja e também para que não entupa os bueiros; ao atravessar a rua, passar sobre a faixa de pedestre, respeitando o Código Nacional de Trânsito.

Segundo Nérici (1967) o uso do termo extracurricular é inadequado, uma vez que todas as realizações da escola devem ser previstas no currículo. Discordamos porém que todas as atividades devem ser previstas, uma vez que poderá surgir algo imprevisível durante o ano letivo como uma exposição, algum acontecimento fenomenológico, falecimento de alguma personalidade importante para a história, acontecimentos que poderão servir de tema a ser

explorado dentro das matérias correspondentes.

O autor também afirma que o termo extra-classe é o mais utilizado no meio educacional, porém o uso desta terminologia exprime a idéia de que a mesma só deve ser desenvolvida fora da sala de aula, o que não é verdade, pois nada impede que se processe em sala, por exemplo, em uma aula de biologia após ter sido dada a matéria reprodução humana, o professor poderá convidar um médico especialista que irá de maneira informal, abordar assuntos relativos a reprodução, doenças sexualmente transmissíveis, métodos anticoncepcionais. Para ele o termo "Atividades Complementares" (p.11) seria o mais adequado, visto que complementam as atividades escolares. Concordamos com esta opinião mas adotaremos em nosso trabalho a terminologia ATIVIDADE EXTRA-CLASSE, por ser o termo mais utilizado, não abrindo assim polêmicas em torno de denominações.

De acordo com José Nunes Fernandes (1998), as atividades extra-classe são variadas: corais, grupos musicais, concertos didáticos, festivais da canção, e são de extremo valor pedagógico, logo, devem estar presentes desde o primeiro segmento escolar, visto ser de suma importância para o desenvolvimento musical dos alunos. Ocorre, porém, que a maioria das escolas funcionam em um só turno, mal podendo cumprir o programa oficial exigido. De acordo com Darcy Ribeiro (1986), essa deformação do sistema de

ensino (desdobramento do regime escolar em vários turnos) com o tempo, tirou as qualidades já escassa da antiga escola pública e deixou-a despreparada para atender a uma crescente clientela.

Acreditamos que se a escola funcionasse em horário integral, haveria uma maior integração do aluno, não somente com o conteúdo escolar, mas também com a vida social, pois, no horário integral há uma maior disponibilidade de tempo onde o aluno, além do tempo de estudo, terá tempo ainda para visitar exposições, museus, fazer passeios recreativos; o que seria feito através de atividades extra-classe, como sugere a Lei de Diretrizes e Bases da educação, em seu artigo 34 caput e §2º:

"A jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos 4 horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola(...), §2º O ensino fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino."

Ocorreria assim uma maior possibilidade destas atividades estarem mais presentes. O horário integral existe atualmente em algumas escolas particulares, como no Colégio Notre Dame, por exemplo, onde o aluno (de educação infantil e do ensino fundamental) após o turno escolar matutino, fica com o restante da tarde para fazer, além do estudo dirigido, atividades como, música, balé, educação artística, natação, futebol, passeios, visitas a museus — os professores trabalham o tempo todo o lado prazeroso da

aprendizagem, não há aprendizagem sem prazer. Porém, por ser alto o valor da mensalidade, nem todas as crianças podem usufruí-lo, tornando-se assim um privilégio de poucos, quando deveria ser uma regra.

O horário integral nas escolas públicas é quase inexistente.

“No Brasil, antes da criação dos CIEPs (Centro Integrado de Educação Pública), nunca se fez uma escola popular de dia completo. O CIEP é uma escola que funciona das oito horas da manhã às cinco da tarde, com capacidade para abrigar mil alunos. Possui salas de aula um centro médico, cozinha, refeitório, áreas de apoio e recreação, biblioteca e moradia para alunos residentes (crianças temporariamente desassistidas cuidadas por casais selecionados e treinados para a tarefa de orientá-los).” (Ribeiro, 1986)

Seria muito bom se houvesse continuação desse projeto. Atualmente o horário integral voltou a não existir, funcionando assim a escola em um só turno (manhã ou tarde ou noite). O que nos surpreende mais é que muitos dos CIEPs se encontram em estado de abandono.

## **b) As Atividades Extra-Classe na Música**

Há um grande interesse dos professores de música nas atividades extra-classe como um meio de complementarem as suas aulas. Nas escolas municipais do Rio de Janeiro, segundo Fernandes (1998),

“as apresentações públicas, no ambiente escolar, predominavam nas práticas. Algumas escolas tinham corais e bandas, outras levavam os alunos para assistirem

concertos didáticos. Outras conseguiam chamar grupos para apresentações na própria escola.”

Em uma aula de história da música em que o assunto seja Villa-Lobos, por exemplo, o professor poderá promover como atividade extra-classe uma visita ao museu Villa-Lobos. Ou ainda, em uma aula sobre instrumentos musicais, poderá o professor assistir a um concerto juntamente com os alunos, o que fará com que os alunos percebam na prática como funcionam os instrumentos.

De acordo com Charles Plummeridge (1991) quando ocorre uma constante busca da atividade extra-classe, isto pode levar a um negligenciamento do programa curricular regular. Na Inglaterra as atividades extra-classe são vistas, muitas vezes, como meio promocional da escola e do status do professor e não como um aprofundamento da aprendizagem musical do aluno. Plummeridge diz que a forma de educação musical, deve ser uma atividade que possibilite a todas as crianças estender o seu potencial musical através, de encontro imaginativo e exposição dos diferentes estilos, tradições e gêneros. Porém, há uma preocupação em garantir a reputação da escola com apresentações musicais para o consumo público, desvirtuando assim a proposta educacional.

Segundo Pratt & Stephens (1995), as atividades extra-classe podem levar alguns alunos a se tornarem "músicos", visto que estas ajudam no



desenvolvimento vocacional e de aptidão; cantar em coro, tocar em grupo, ajuda como atividade social.

Pratt & Stephens afirmam ainda que as escolas organizam atividades extra-classe musicais fora do padrão normal de turmas, proporcionando, desse modo, um intercâmbio entre turmas diferentes.

De acordo com a nossa experiência e analisando as opiniões dos autores acima, observamos que há uma diferença entre a realidade inglesa e a brasileira. O que ocorre aqui é uma menor ênfase nas aulas de música e nas atividades extra-classe, mas, quando estas acontecem, muitas vezes, merecem reparos; o festival da canção das escolas municipais do Rio de Janeiro, por exemplo, apesar de ser uma brilhante iniciativa, é precária, visto que muitos alunos não podem participar, pois, não possuem instrumentos; ou se sentem inferiorizados perante os que tocam (Fernandes, 1998). Porém, se houver uma grande ênfase nestas atividades, conforme citado, poderá realmente ser desvirtuado o objetivo principal que é o aprofundamento da aprendizagem musical do aluno, pois, na maioria das escolas onde há aula de música, as atividades festivas (extra-classe) constantes, interrompem a seqüência do ensino, prejudicando a aprendizagem musical. Havendo atividades festivas, por exemplo, gincanas, carnaval, a preparação destas deve ser em horário distinto do horário da aula de música, preservando assim a continuidade da

aprendizagem. Segundo Ferrero (1979), em muitas escolas na Argentina a preparação de atividades festivas de forma estereotipadas e com ensaios repetidos vem sendo superadas; porém, é freqüente encontrar professores que, por força maior ou voluntariamente, dispõe de seu tempo de aula para preparar “números” carentes de espontaneidade e criatividade. Concluimos assim, que havendo atividades festivas, é necessário que o professor saiba ministrar sua aula de forma criativa, aproveitando para trabalhar conteúdos musicais; por exemplo, ao preparar a festa do dia das mães abordar altura, afinação, ritmo, no ensino da música a ser cantada no dia da apresentação e não somente promover ensaios repetidos.

## CAPÍTULO-II

### ABORDAGENS NÃO-FORMAIS DE ENSINO DA MÚSICA

José Carlos Libâneo (1994), em seu livro DIDÁTICA, refere-se a educação informal ou não-intencional como sendo "os processos de aquisição de conhecimento, experiências, idéias, valores, práticas, que não estão ligados especificamente a uma instituição e nem são intencionais e conscientes, como por exemplo: relações humanas, na família."

Já a educação intencional é a que se refere "a influências em que há intenção e objetivos definidos conscientemente, como é o caso da educação escolar e extra-escolar", mas realizadas geralmente em instituições de ensino. Embora Libâneo não use o termo **formal**, entendemos que a definição dada por ele para a educação intencional, coincide com a nossa definição de educação formal.

Libâneo não define educação não-formal. Para nós na educação não-formal, há uma intenção na aprendizagem, mas sem o compromisso que há nas escolas, em que o aluno, caso não obtenha a média exigida, terá que repetir o ano. Na educação não-formal isso não acontece, pois, o aluno vai evoluindo até que esteja pronto para se apresentar; não há reprovação, pois

respeita-se o tempo de aprendizagem de cada um.

Um aprendiz de escola de samba, por exemplo, ao participar dos ensaios para aprender a tocar um instrumento, aprende não-formalmente, há intenção de aprender por parte do aluno e de ensinar por parte do mestre da bateria, mas o processo de aprendizagem se dá por audição, imitação e repetição, diferente dos moldes tradicionais em que se segue um método de um determinado autor e é ensinado de forma acadêmica e linear. Ao contrário do ensino não-formal que trabalha em cima da flexibilidade e sem ser linear, sendo mesmo fundamental a junção entre adiantados e inexperientes, e profissionais e alunos.

Segundo Regina Márcia Simão Santos (1991), na formalidade do ensino musical há um desprazer para os estudantes, o que alguns profissionais consideram natural, pois é uma abordagem por processos racionais e abstratos, substituindo processos intuitivos de aprendizagem

No texto de Santos (1991) "O desafio de executar o modelo ouvido a reproduzir o que já foi visto, está presente nas brincadeiras infantis, onde a imitação das estruturas rítmicas e sonoras, ouvidas dos adultos, representam um jogo eficaz na aprendizagem da linguagem musical."(p.7) Observamos, assim, que o prazer torna a aprendizagem mais eficaz e interessante, sendo necessário no processo de aprendizagem.

No texto "A didática informal no aprendizado dos ritmos populares; das escolas de samba à universidade", Ermelinda A. Paz (1995), observou que a maioria dos mestres de bateria não possui formação musical acadêmica, com uso de leitura e escrita, por exemplo, e no entanto, não necessitam deste conhecimento para realizar sua tarefa - o ritmista aprende vendo, ouvindo e praticando.

Porém, ao presenciar os testes de aquisição de novos membros para a bateria do GRES beija-flor de Nilópolis, a autora percebeu que:

"o mestre Odilon usava recursos muito comuns ao ensino formal, quando do início de uma aprendizagem envolvendo execução vocal e/ou instrumental. Odilon tomava um ritmo de forma global e o realizava para o ritmista; em seguida, repetia a mesma frase num andamento mais lento, e se necessário, cada vez mais lento, sem perder a proporcionalidade do tempo, e com grande precisão. Após essa demonstração, falava: 'Vai lá para o cantinho e fica estudando isso. Repete várias vezes, quando achar que já está bom vem aqui de novo tocar para mim'."(p.23/24)

No exemplo citado constatamos mais uma vez que, apesar de haver um ensino não-formal, há uma clara intenção no aprendizado existindo até mesmo uma formalidade metodológica de ensino, "o mestre partia da parte para o todo, dividindo a frase inteira em duas partes ou mais, fazendo sempre o uso das variações de andamento."(p.24) Concluimos assim que há possibilidade de criação de um método de ensino dentro da educação não-formal, não necessitando que o "professor" tenha formação acadêmica para tal criação.

José Maria Neves e Cecília Conde (1984/85) em seu texto "Educação não-formal", ao pesquisarem os grupos de folia de Reis ("Penitentes de Santa Marta", do morro de Santa Marta em Botafogo e "Estrela de Jacó Anunciada por Balaão", em Padre Miguel), Blocos carnavalescos ("Império de Botafogo", do morro de Santa Marta e "Mocidade da Mallet", em Padre Miguel) conjuntos de música popular ("Diamante Negro" e grupos encontrados na residência de Jorginho do Violão, em Padre Miguel, e na quadra do bloco Império de Botafogo), construtores de instrumentos ( particularmente no subúrbio de Padre Miguel), banda de música ("Sociedade Musical Brasil-Portugal", de Realengo), além de observações de manifestações da lúdica infantil, perceberam os autores, que em todas as manifestações documentadas, a presença da criança era uma constante, não havendo separação entre o espaço do adulto e da criança.

Nestas comunidades, pessoas e grupos funcionam como autênticos líderes e animadores culturais, organizando as festividades, preparando repertório, juntando em torno de si as pessoas interessadas em música. Há uma ação educativa nestes grupos, particularmente no que se refere a transmissão de um saber necessário à preservação das manifestações culturais da comunidade.

Por outro lado, as escolas situadas nestas comunidades tratam com

desprezo a vivência cultural comunitária dificultando a aprendizagem no momento em que impõe valores que não se relacionam com estas manifestações culturais, não "dando o devido valor a cultura do povo, desconhecendo seus compositores, seus conjuntos instrumentais, seus artesãos de instrumentos, suas festas, sua crença." Para (Santos 1991) a música é definida culturalmente e sua função precisa ser entendida na sua relação com o contexto em que ocorre, e não com um fato isolado.

Tudo isto leva a um desprazer na aprendizagem, ocasionando a evasão escolar, uma vez que o aluno se sente desvinculado da sua realidade. Torna-se assim a escola um local desinteressante e enfadonho, onde o aluno vê o professor como um mero transmissor de conhecimentos inúteis desconhecedor das experiências culturais do aluno. Poderia sim, a escola em seu currículo adotar estas manifestações informais como um suporte para o conteúdo, ou então, incluí-las em atividades extra-classe, servindo como complemento da matéria a ser dada e tomando como base a realidade e a cultura do aluno. Segundo Neves e Conde (1984/85), a distância entre formal e não-formal, causa um retardo no processo de aquisição de conhecimento no sistema educacional vigente, ocasionando a falta de interesse, a dificuldade de aprendizagem e a evasão escolar.

Na cultura popular não há separação entre o fazer artístico e a própria

vida. Na organização da experiência da aprendizagem musical, todo empenho se fará de forma a permitir a participação de todos de imediato no fazer, com o que sabem. Segundo Nketia, citado por Santos (1991), "na África o modelo vocal materno está presente desde a tenra infância e a consciência do ritmo se dá pelo embalo da criança ao som da música, ou pelo contato com o corpo materno, enquanto presa as costas da mãe que dança, ou através do canto com sílabas sem sentido imitando os ritmos do tambor." Seria esta uma aprendizagem passada de pai para filho, seguindo uma tradição. Neste caso, não há uma intenção na aprendizagem musical.

Na educação não-formal a execução instrumental geralmente ocorre desde o início, há uma facilidade maior no fazer musical.

"Não há o espaço da arte como não há o tempo e o espaço do aprendido. O fazer artístico é visto como um meio de expressão e de comunicação, tendo sempre função e significado para sua comunidade. Por isso mesmo, a aquisição de habilidades técnicas, se faz por processo seletivo natural, que enfatiza os elementos a serem conhecidos e executados no momento." ( José Maria Neves e Cecília Conde, 1994/95 p.46)

Num primeiro momento não há intenção em formar um profissional, a aprendizagem ocorre juntamente com o fazer musical e para servir a comunidade.

No ensino musical em forma de banda de música por exemplo, "a preparação de novos músicos quando há claros na corporação, para que estes sejam cobertos, faz-se através



do contato direto com o instrumento e com o repertório: ao mesmo tempo, o jovem aluno recebe noções técnicas fundamentais (simplificadas) e trabalha a técnica despojada de grandes sutilezas. Assim em pouco tempo o aluno pode ler e tocar coisas simples, sendo imediatamente incorporado ao grupo. Se há dificuldades, estas são estimulantes e o fato de não estar tocando sozinho, mas apoiado por outras pessoas, levam-no a vencê-las mais facilmente. O prazer do fazer musical está presente desde o início da aprendizagem.”(p.48)

O ensino da técnica do instrumento, se dá pela necessidade do aprendizado do repertório. Já no ensino formal há uma ênfase excessiva à técnica e à perfeição da execução instrumental. O aluno passa horas sozinho estudando técnica, com isto há um desgaste e um desprazer - ficando tolhido para a descoberta musical.

O que acontece muitas vezes, é que a preocupação com a técnica e com a perfeição, esquece-se do prazer de tocar e da liberdade de criação. Até que ponto esta preocupação excessiva com a técnica será positiva em uma formação musical? Um músico jamais pode se esquecer do prazer e da liberdade de criação no fazer musical.

Concluindo podemos dizer que concordamos com as considerações finais de Santos (1991, p.10), em relação aos processos de educação musical não-formal:

1. "A aprendizagem musical se dá no próprio fazer, como atividade intuitiva (de nível pré-lógico) sobre o visto e o

ouvido, auxiliada por mediadores como a palavra rítmica, a imagem visual, tátil, cinestésica.

2. O domínio do repertório se dá através da repetição (imitação).

3. Há limites imprecisos entre as atividades reprodutivas e novas construções com material (variação, transformação) em face do caráter dinâmico de manifestação popular. A atividade criadora também reflete uma atitude de pesquisa e investigação do próprio material, numa experimentação descompromissada, como atividade lúdica. De uma forma ou de outra, a atividade criadora desenvolve-se desde o início ao lado do treinamento e o convívio com materiais e estruturas mais complexas.

4. Incluindo a execução instrumental desde o início, verifica-se a facilitação do engajamento do sujeito na prática musical.”

Esses pontos serão, no próximo capítulo, comparados às atividades extra-classe para devida comprovação de que as duas atividades são associadas.

### **CAPÍTULO-III**

#### **ATIVIDADE EXTRA-CLASSE: ENSINO FORMAL OU NÃO-FORMAL?**

Como já foi dito, educação formal é aquela que se desenvolve nos moldes tradicionais de ensino, sem que haja uma participação direta do aluno, ou seja, sem criação, só há repetição de música e modelos já prontos (o professor é o detentor da sabedoria e o aluno um mero aprendiz). Já na educação não-formal, há uma interação do professor com o aluno; o aluno ao mesmo tempo que aprende, cria. A prática é uma constante, havendo, pois, imersão do aluno no fazer musical.

Tanto nas atividades extra-classe quanto na educação não-formal, não há uma rigidez na relação ensino-aprendizagem, por não se enquadrar nos padrões formais de ensino; portanto, pode ocorrer uma atividade extra-classe não-formal. Por exemplo, um professor de música, antes de formar um coral na escola, convidaria um coral para se apresentar; após a apresentação, o professor juntamente com o regente explicaria como funciona um coral e no final os alunos cantariam juntamente com o coral.

Para nós a atividade extra-classe se enquadra nos princípios e características das abordagens de ensino não-formais, pois, aquela deve fugir dos padrões formais de ensino para serem grandes motivadoras, utilizando-se das características não-formais de educação como, execução instrumental desde o início baseada na repetição, imitação e imersão do aluno no fazer musical. Ao contrário do ensino puramente de conceitos teóricos.

Uma vez que as atividades extra-classe visam o desenvolvimento da personalidade do aluno e a integração social, a educação não-formal também objetiva a integrar o aluno na sua realidade, ou seja, a realidade do dia a dia está sempre presente neste aprendizado.

Em uma atividade extra-classe onde há a integração de diversas disciplinas e turmas diferentes, poderão ocorrer elementos e aspectos característicos das abordagens não-formais, onde não há limites precisos na relação executante-plateia, "estando todos juntos no fazer musical e livres para entrar e sair."(Santos 1991, p.5)

Embora haja possibilidade de nas atividades extra-classe ocorrer aspectos formais de educação, as atividades seriam muito mais dinâmicas, de fácil aprendizado, se os aspectos não-formais de educação estivessem presentes; por exemplo, o professor ao ensinar instrumentos de percussão, poderá promover uma atividade extra-classe onde será convidado um ritmista

de escola de samba que fará as apresentações de alguns instrumentos utilizados em uma bateria da escola. Após a demonstração das possibilidades de cada instrumento, os alunos irão participar de "brincadeiras" com os instrumentos manuseando-os, experimentando e criando diversos ritmos. O professor juntamente com o mestre, poderá propor um exercício do tipo um "toca" e os outros repetem, e ainda um exercício do tipo "pergunta e resposta". No final, todos tentarão tocar em conjunto como numa bateria de escola de samba.

Comprovamos assim que os aspectos da educação não-formal podem ser associados às atividades extra-classe. No exemplo citado, os alunos ao participarem das brincadeiras estão trabalhando intuitivamente o visto e o ouvido; no exercício do tipo um toca e os outros repetem, o domínio da atividade se dá através da repetição; ao manusearem, experimentarem os instrumentos, criam ritmos diversos, ou seja, há uma variação e transformação do material; ainda, no mesmo exemplo, há execução instrumental desde o início, os alunos brincam manuseando os instrumentos, havendo assim uma facilitação do aluno na prática musical e contato direto com os instrumentos desde o início.

## CAPÍTULO-IV

### UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE EXTRA-CLASSE

Existem atualmente projetos musicais educativos que podem ilustrar exemplos de atividade extra-classe, como os Mini-Concertos Didáticos do museu Villa-Lobos (RJ) e o Projeto Escola do grupo SEMBATUTA.

O Canto Orfeônico organizado por Heitor Villa-lobos, chamado também de Concertos Educativos, foi um dos precursores dos Mini-Concertos Didáticos que hoje acontecem no museu Villa-Lobos. Os Mini-Concertos Didáticos

“consistem na apresentação de um grupo e/ou solista, em que se expõe, de diversas formas, um repertório musical para uma turma com um número pré-definido de alunos. Este repertório também é, na maioria dos casos, ensaiado e trabalhado de forma a definir um roteiro que atinja determinados objetivos.”(Spielmann & Vieira, O Concerto Didático visto como uma prática não-formal, 1997- p.8 )

Segundo Valdinha Barbosa, organizadora do projeto Mini-Concertos Didáticos do museu Villa-Lobos, e citada por Spielmann & Vieira (1997),

“o projeto é voltado principalmente para os alunos da escola pública, e também para alunos de escolas particulares, grupos de menores de rua, classes especiais, estudantes de escolas de música, entre outros.”

Observamos nesta atividade extra-classe, aspectos não-formais, pois como disse Turíbio Santos, “não se trata, em hipótese alguma, de uma iniciação musical e sim de uma reportagem musical.” (Spielmann & Vieira 1997 p.33 ) Entendemos como reportagem as perguntas feitas pelos alunos, aos grupos que se apresentam, sobre os instrumentos, a música, compositores. Em algumas apresentações, após a reportagem, os alunos podem manusear os instrumentos apresentados.

O Projeto Escola do grupo SEMBATUTA, é um bom exemplo de uma atividade extra-classe na qual os aspectos não-formais são evidentes. O SEMBATUTA é um grupo formado por 12 componentes, possuindo naipes de sopro (saxofones alto e soprano, flautas transversas, pífanos, clarinete e clarone), de cordas friccionadas (violino, viola, violoncelo e contrabaixo), cordas tangidas com dedo (violão) e com palheta (cavaquinho e violão) e percussão. O grupo se apresenta em várias escolas, como atividade complementar às aulas de música, sendo os alunos previamente preparados para a apresentação pelos professores, que demonstram os instrumentos, falam sobre ritmos e, em alguns casos, chegam até mesmo a preparar turmas para apresentação junto com o grupo.

O repertório inclui ritmos brasileiros (samba, baião, frevo, maracatu, chorinho, bossa-nova) e ritmos estrangeiros (tango, flamenco.) No decorrer

da apresentação o grupo apresenta cada instrumento, tocando e mostrando o funcionamento, fala das peculiaridades de cada instrumento (relação entre o tamanho e o registro do instrumento), compara relações timbrísticas e fala sobre cada música: estilo musical (frevo, maracatú, samba) e compositor. Esta prática vem complementar as informações que já foram dadas pelos professores em sala, pois, como já foi dito os alunos são previamente preparados para as apresentações, pelos professores.

Há também a participação dos alunos que podem questionar sobre os instrumentos, sobre as músicas tocadas (ouvidas) e sobre o compositor.

Após cada apresentação percebe-se um resultado muito positivo: os alunos passam a se interessar mais pelas aulas de música, começam a identificar ritmos diversos, reconhecem os timbres dos instrumentos. Outro resultado muito interessante foi o observado em uma apresentação do grupo no Colégio Eduardo Guimarães (colégio este que trabalha também com alunos especiais), onde um aluno especial com dificuldade de socialização conseguiu participar juntamente com seus colegas na apresentação da sua turma junto com o grupo. O que foi uma de grande valor para a socialização deste aluno.

Desta forma torna-se mais interessante para os alunos a aprendizagem musical não-formal. Há um contato direto com músicos do grupo, com os instrumentos e com a própria música. Isto é contrário a uma aula com



apresentação teórica e estática dos mesmos instrumentos, ritmos, e compositores, que é desestimulante e não é prazerosa.

Segue anexo o projeto do grupo SEMBATUTA.

## CONCLUSÃO

Com base em nossa experiência como professores, concluímos que, de um modo geral, o que ocorre atualmente no Brasil é que as escolas não dão o devido valor as atividades extra-classe em música. Enquanto na Inglaterra as escolas utilizam as atividades extra-classe na música para se promoverem, ou seja, serve como uma projeção do nome da escola perante a sociedade, no Brasil há escassez de atividades musicais extra-classe, devido a falta de incentivo dos governos e das próprias escolas.

Percebemos, ao findar o nosso trabalho, a importância destas atividades que deveriam ocorrer desde o primeiro segmento do ensino fundamental e ter uma continuidade até o término do ensino médio, visto que a música ajuda no desenvolvimento da personalidade do aluno, nas habilidades motoras, na criatividade, no processo de memorização, dentre outros. Assim uma criança tímida pode vir a tornar-se menos tímida ou até mesmo desinibida ao participar continuamente de atividades musicais extra-classe que o leve a se apresentar em público. A aprendizagem musical deve iniciar-se desde a pré-escola, baseada principalmente em atividades extra-classe, pois, um dos benefícios seria o desenvolvimento de habilidades motoras, através de atividades de manuseio com instrumentos de percussão; e também

desenvolvimento da audição através de atividades de identificação de sons (ruídos, sons de instrumentos, animais), e o canto que facilitaria na aprendizagem da fala.

Concluimos que as atividades extra-classe devem ser tratadas sobre os princípios da educação não-formal, pois, ela já tem pontos semelhantes como o prazer na aprendizagem, a informalidade, a liberdade de criação, além de ser uma forma de educação lúdica, onde a aprendizagem musical se dá no próprio fazer (a repetição, a imitação e a criação se misturam), está ligada a realidade do aluno e remete a um fazer imediato.

O quanto o ensino seria tão mais prazeroso e motivador se a atividade extra-classe estivesse sempre presente, não só na música mas também em outras matérias, servindo mesmo de veículo integrador das disciplinas escolares.

O Projeto Escola do grupo SEMBATUTA é um excelente exemplo de atividade extra-classe, que utiliza recursos não-formais ao falar e demonstrar, tocando os instrumentos e ritmos brasileiros através de uma apresentação. Há uma relação direta dos integrantes do grupo com os alunos, havendo assim um entrosamento entre eles, permitindo um diálogo aberto e informal dos alunos com os integrantes do grupo não só sobre o que foi apresentado, mas, sobre música em geral.

O quão não seria enriquecida uma educação musical em que uma atividade extra-classe, como esta do grupo SEMBATUTA, ou uma outra que ocorresse desta forma, ou seja, não-formalmente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, Congresso Nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96), Diário Oficial, 24 de Dezembro de 1996.
- Conde, Cecília & Neves, José Maria. *Música e Educação Não-Formal. Pesquisa e Música, 1*. Rio de Janeiro, Machado e Horta, 1984/85, p. 41-52.
- Fernandes, José Nunes. *Análise da Didática da Música em Escolas Públicas do Município do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, UFRJ, 1998.
- Ferrero, Maria Inês et alli. *Planeamiento de la Enseñanza Musical. Guia del Maestro*. Buenos Aires, Ricordi, 1979, p. 29.
- Libâneo, José Carlos. *Didática*. São Paulo, Cortês, 1994.
- Nérici, Imídeo G. *Atividades Extra-Classe na Escola Média*. Rio de Janeiro São Paulo, Lisboa, Fundo de Cultura, 1967, p. 9-13.
- Paz, Ermelinda A. *A Didática Informal na Aprendizagem dos Ritmos Populares: Das Escolas de Samba à Universidade. Raízes e Rumos, 3*. Rio de Janeiro, UNI-RIO, 1º semestre, 1995, p. 20-25.
- Plummeridge, Charles. *Music Education in Theory & Practice*. London, Falmer Press, 1991, p. 111-133.
- Pratt, George & Stephens, John. *Teaching Music in the National Curriculum*. London, Heinemann, 1995, p. 47-61
- Ribeiro, Darcy. *O Livro dos CIEPs*. Bloch Editora, Rio de Janeiro, 1986, p. 40-43.
- Santos, Regina M. Simão. *Aprendizagem Musical Não-Formal em Grupos Culturais Diversos. Cadernos de Estudo. Educação Musical, nº 2*. São Paulo, Atravez, 1991, p. 1-14.

-Spielmann, Daniela & Vieira, Alessandro Valente. *O Concerto Didático Visto como uma Prática Não-Formal*. Monografia de conclusão de curso de graduação. Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, UNI-RIO, 1997.

# SEM BATUTA

**PROJETO ESCOLA**

## 1) INTRODUÇÃO

O grupo **SEM BATUTA** se apresenta em escolas do Rio de Janeiro há algum tempo. O primeiro convite surgiu de uma professora de música que havia assistido a um concerto nosso. Ela achava que seus alunos estavam precisando de uma aula diferente, em que tivessem um contato direto com instrumentos variados, estilos e ritmos novos para eles, enfim, uma experiência que expandisse seus horizontes musicais.

O sucesso dessa primeira apresentação desencadeou novos convites e estimulou a procura dos próprios integrantes do grupo (muitos deles professores ou licenciandos em música) por novas escolas onde pudéssemos apresentar nosso trabalho.

As experiências que se seguiram foram igualmente gratificantes e nos levaram a formalizar este projeto, que visa atender a demanda das escolas preocupadas com a educação musical e a formação cultural de seus alunos.



## II) OBJETIVOS

- 1) Expandir o universo musical dos alunos;
- 2) Estimular a apreciação e a percepção;
- 3) Proporcionar uma vivência musical interativa;
- 4) Demonstrar vários estilos musicais do Brasil principalmente, e do mundo (frevo, maracatu, choro, samba, baião, bossa-nova, tango, flamenco, entre outros);
- 5) Apresentar, classificar e comparar os instrumentos (organologia);
- 6) Ilustrar as propriedades do som (timbre, intensidade, duração e altura);
- 7) Despertar os alunos para uma prática futura.

### III) PROCEDIMENTOS

Concerto de aproximadamente 1 hora que intercalará a execução do repertório com demonstrações e explicações relativas a cada instrumento do grupo, às propriedades do som (relacionadas aos instrumentos) e aos estilos das músicas.

A linguagem utilizada pelos componentes do grupo nessas explicações, bem como o grau de aprofundamento das questões, deverão levar em conta a idade média dos alunos que formarão o público.

Além disso, o **SEM BATUTA** estará aberto a perguntas, contribuições e à participação musical propriamente dita por parte dos alunos e professores da escola.

#### *IV) RECURSOS NECESSÁRIOS*

1) Iluminação adequada à leitura;

2) espaço que comporte 12

músicos;

3) 12 cadeiras;

4) Amplificação (dependendo do local);

5) Divulgação.

6) O cachê deverá ser negociado com o grupo.

#### V) Contatos:

**Roberto Stepheson- tel. 4601010  
cód. 2763489**

**Ranieri Tiago- tel. 7197559**